

Um diálogo entre Vicente Salles e seus leitores: a recepção da obra *O Negro no Pará* sob a ótica das correspondências

ALESSANDRA R. E SOUZA MAFRA*

RESUMO: História, política e cultura foram temas constantemente abordados pelo pesquisador e folclorista paraense Vicente Salles em suas obras. Sobre a temática do negro, esse intelectual se destacou com o livro *O Negro no Pará, sob o regime da escravidão*, publicado em 1971. O livro teve como objetivo reunir e comprovar através de densa documentação, a contribuição do negro no meio social, cultural e econômico no extremo norte do Brasil, tendo sido particularizadas pelo autor as lutas de classe, assim como seus aspectos culturais. Nesse contexto, a obra de Salles tornou - se referência sobre os estudos acerca da presença negra na Amazônia. O presente trabalho tem como objetivo analisar a recepção local desta obra, sob a ótica das correspondências localizadas na coleção Vicente Salles. Inicialmente, abordaremos sobre alguns aspectos biográficos do autor, sobre a obra *O Negro no Pará*, e sobre as possibilidades de trabalho com as correspondências, para posteriormente passarmos à análise das cartas.

PALAVRAS-CHAVE: Vicente Salles; O Negro no Pará; Recepção

Introdução

Em trabalhos anteriores, assinalamos elementos que se fazem importantes para analisar a obra de determinado autor, entre eles, o de conhecer detalhadamente a biografia do intelectual em questão, atentando para as influências políticas e teóricas que este intelectual venha a receber. Caminhando por esse viés da história social da intelectualidade, no sentido de procurarmos compreender a trajetória intelectual de Vicente Salles, acreditamos ser pertinente realizar este estudo por partes.¹

Inicialmente, faz-se necessário uma breve exposição sobre alguns aspectos biográficos deste intelectual, para posteriormente tratarmos de sua obra *O Negro no Pará*. Vicente Salles nasceu no município de Igarapé-Açu, no Pará, em 27 de novembro de

* Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, da Universidade Federal do Pará (PPHIST/UFPa). Bolsista de Mestrado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

¹ Em trabalho anterior (MAFRA, 2011), verificamos o aspecto narrativo da obra de Vicente Salles. É importante destacarmos que, neste trabalho, além de termos exposto alguns dados biográficos, foram feitas algumas considerações sobre a produção da obra *O Negro no Pará*.

1931, passando sua infância percorrendo os interiores do Estado. Desde cedo, passou a se interessar pela literatura, pela música e pelo folclore da região amazônica. Sua introdução no mundo dos grupos populares de Belém, digo, nos “batuques, pássaros e bois”, deu-se com a contribuição do poeta Bruno de Menezes.

Em 1954 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ingressou no Ministério da Educação e Cultura – MEC. Formou-se em Jornalismo e tornou-se bacharel em Ciências Sociais, com especialização em Antropologia. No período de 1961 a 1972, Vicente trabalhou na Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, sendo responsável por organizar e dirigir a biblioteca Amadeu Amaral, além de ter sido redator da Revista Brasileira de Folclore e organizador da edição de livros e discos. Em 1975, transferiu-se para Brasília (onde atualmente reside) e deu início a colaboração para a criação da Fundação Nacional de Artes – FUNARTE. Em 1985, ele ficou lotado no SPHAN, Pró-Memória, até se aposentar em 1990. Seus estudos e pesquisas totalizam, hoje, uma produção composta por 21 livros publicados, 48 micro-edições e inúmeros artigos². A música, o negro e o folclore foram alguns dos principais temas abordados por ele.

Após a exposição de alguns dados biográficos sobre o autor, trataremos, agora, de sua obra. Escrito na década de 1960, *O Negro no Pará sob o regime da escravidão*, foi publicado somente em 1971, o objetivo da obra foi de reunir e comprovar, através de documentação, a contribuição dos africanos no meio social, cultural e econômico no extremo norte do Brasil, particularizando as lutas de classes, e também o aspecto cultural. Na realidade, Salles procurou demonstrar a intensidade da presença negra na Amazônia, assunto que ainda não tinha sido explorado merecidamente.³

Escrito a partir de densa documentação, esse livro é considerado como obra de referência para historiadores, antropólogos, sociólogos e outros pesquisadores que se debruçam sobre a presença negra e africana na Amazônia. No decorrer do livro, Vicente

² Para a confecção desta breve biografia foram utilizados: um texto sem autor, doado para meus estudos iniciais por Carmem Affonso, historiadora responsável pela Coleção Vicente Salles; a dissertação de mestrado de Karla Aléssio Oliveto (OLIVETO, 2007), onde a autora, inicialmente, faz uma detalhada contextualização da vida de Vicente Salles; a Micro Edição de Vicente Salles (SALLES, 2007). Cabe nos ressaltar que, a 1ª edição deste último é de 2004, assim como, devemos considerar sua produção após 2007, como, por exemplo, *Estórias do Eldorado nos tempos calamitosos da devastação, contada pelo cidadão de arco e flexa e escritas pelo folclorista e historiador Vicente Salles*, lançado em 2010.

³ Cabe salientar que, falaremos mais adiante sobre o posicionamento de Arthur Cezar Ferreira Reis sobre esse assunto, destacando o prefácio à primeira edição de *O Negro no Pará*.

Salles aponta diversas possibilidades de análise para futuros pesquisadores. Para além do conteúdo, apontar caminhos talvez tenha sido a maior contribuição desta obra.

O Negro no Pará: sob o regime da escravidão pode ser considerado como o trabalho mais proeminente da trajetória de Salles. Em sua 3ª edição, o livro é caracterizado por apresentar uma narrativa convencional, dessa forma conseguindo se manter entre as discussões acadêmicas, tornando-se referência não só entre historiadores profissionais, mas entre diversas áreas de conhecimento, assim como o público em geral. Caberia destacarmos a recepção que o livro teve entre grupos e movimentos negros no Brasil, a partir do registro de Vicente Salles, visto que na apresentação à segunda edição, Salles registrou que, após a publicação do livro, esse logo se fez de interesse aos “grupos e as entidades de negros no Brasil”, onde o assunto foi debatido de forma intensa. No Pará, o livro interessou diretamente ao Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará - CEDENPA, tendo esse Centro a oportunidade de discuti-lo diretamente com autor da obra.

Dada a importância da obra de Salles, buscaremos trabalhar com as correspondências expedidas e recebidas presentes na *Coleção Vicente Salles*, localizada na biblioteca do Museu da Universidade Federal do Pará, com o objetivo de percebermos a recepção local de sua obra *O Negro no Pará sob o regime da escravidão*, a partir da análise do conteúdo dessas cartas, especialmente, através das cartas que Vicente Salles trocou com o antropólogo Arthur Napoleão Figueiredo⁴ e o jornalista Lúcio Flávio Pinto.⁵

⁴Arthur Napoleão Figueiredo é considerado uma das maiores referências no que diz respeito aos estudos antropológicos na Amazônia. Este antropólogo assumiu a cadeira de Etnologia e Etnografia do Brasil na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará, a partir de 1960. Sua trajetória profissional foi marcada pelo pioneirismo da pesquisa de campo, tendo atuado como pesquisador professor – orientador. Este intelectual faleceu em 1989. Cf.: DIAS, Antônio Maurício. **Pesquisas Antropológicas Urbanas no “paraíso dos naturalistas”**. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2009, v. 52, n°2.

⁵O jornalista e Sociólogo Lúcio Flávio Pinto nasceu em Santarém no Estado do Pará. Foi professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pará, tendo trabalhado como repórter em jornais de grande circulação no Estado, assim como, para O Estado de São Paulo, no qual foi correspondente por 18 anos. É redator do Jornal Pessoal – quinzenário individual – que circula em Belém. Cf.: http://www.lucioflaviopinto.com.br/?page_id=2, consultados em 28/02/2011.

Trabalhando com um acervo pessoal

Para este estudo foram consultadas cerca de setenta cartas localizadas no grupo: Documentação Sócio - Cultural/Vicente Salles, série: correspondências expedidas e recebidas⁶, que foram trocadas entre folcloristas, jornalistas, professores universitários, enfim, intelectuais que procuramos selecionar por uma certa relação de afinidade com a produção do historiador e folclorista Vicente Salles, partindo do acompanhamento da obra por esses intelectuais, ou seja, das críticas e dúvidas, e do reconhecimento do trabalho de Salles.⁷ Caminhando por esse viés, devemos levar em consideração, principalmente, o olhar sobre essas correspondências, pois, a troca de cartas deve ser percebida como um local onde as idéias são reveladas, assim como inúmeros interesses (GOMES, 2004, pp. 51-52).

Na perspectiva de trabalharmos com um acervo pessoal e de suas possibilidades, a historiadora Ângela de Castro Gomes, em seu texto *Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo*, aborda sobre a explosão de publicações de caráter biográfico e autobiográfico nos últimos dez anos, assim, destaca o surgimento de um maior interesse dos leitores nos últimos tempos por determinado gênero de escrita, como: diários, biografias, correspondências, apontando uma maior atenção pelo indivíduo (GOMES, 2004)⁸.

Trabalhar com correspondências pode parecer tarefa simples à primeira vista, e até podemos acreditar que seja, porém, é necessária certa cautela, pois, trabalhar com

⁶Cabe destacar que esta série está constituída em um total de aproximadamente trezentas correspondências que Salles trocou com inúmeras personalidades e com diversas instituições culturais.

⁷ Procuramos perceber o livro como um produto cultural, e levando em consideração seu aspecto econômico, assim como, destacar o poder que um livro pode exercer mesmo à distância, no sentido de poder transformar o modo de agir e de pensar, e desta forma, evidenciar o poder do intelectual, na verdade o poder que pode exercer um intelectual, como aponta Bourdieu Cf.: BOURDIEU & CHARTIER, 1996. Buscaremos ao longo do texto, apresentar um diálogo entre, uma obra e a reação que esta obra causou em determinados leitores. Para uma profunda discussão sobre a relação do intelectual e a sua obra, da compreensão sobre os níveis de reconhecimento da exclusão ou da consagração. Cf.: BOURDIEU, 2009. p.165.

⁸Neste texto a autora aborda sobre os trabalhos que vem sendo desenvolvido a partir das correspondências e outros tipos de documentos que comumente constitui um acervo pessoal, assim como a utilização destes como fontes ou objeto histórico. Em um texto anterior, a autora já falaria do “boom” dos arquivos privados, das possibilidades e dos encantamentos que este tipo de acervo pode encaminhar o pesquisador, assim como, da revalorização do indivíduo na história, da lógica de suas ações, trabalhando com os conceitos da nova história cultural (GOMES, 1998).

correspondências, é trabalhar com um leque de possibilidades, cabendo ao historiador decidir o seu foco. Neste sentido, trabalhamos as correspondências como fonte, assim, as mesmas devem sempre ser comparadas com outras fontes, no intuito de buscarmos alargar as considerações sobre o intelectual em questão, neste caso, Vicente Salles (MALATIAN, 2009) ⁹.

Cabe destacar que Vicente Salles é um intelectual polígrafo, que mesmo distante de sua terra natal, manteve intenso contato com a imprensa paraense, assim como, com os intelectuais da região. Neste caso, poderíamos citar alguns nomes como: Lúcio Flávio Pinto, Arthur Napoleão Figueiredo, Waldemar Henrique, Anaíza Vergolino, entre outros, que estão entre os correspondentes de Salles, presentes em sua coleção¹⁰.

Primeiramente, esta análise dar-se-á por intermédio das cartas trocadas entre Vicente Salles e o antropólogo Arthur Napoleão Figueiredo, uma vez que essa interlocução foi principiada no contexto de finalização (no aguardo da publicação) de *O Negro no Pará* e de produção de outros trabalhos sobre a presença do negro na Amazônia, notadamente daqueles desenvolvidos sob orientação de Napoleão Figueiredo. Posteriormente, passaremos à análise das correspondências que foram trocadas com o Jornalista Lúcio Flávio Pinto, considerando o fato – a partir de um exame geral das cartas presentes na coleção – de ser o principal crítico da obra de Salles, principalmente quanto à documentação utilizada nesta obra.

Muito em comum: os diálogos entre Arthur Napoleão Figueiredo e Vicente Salles

O professor Arthur Napoleão Figueiredo está entre os intelectuais que mantiveram um considerável contato através de cartas com Vicente Salles. Professor da Universidade Federal do Pará, esse antropólogo veio assumir a cadeira de Etnologia e Etnografia do Brasil nesta instituição em 1960 (DIAS, 2009). ¹¹ Com relação às

⁹ Entre outros aspectos a autora aborda acerca de como alcançar um quadro analítico mais alargado para o seu objetivo com a fonte, inclusive, destacando o exemplo do trabalho com as correspondências ativas e passivas entre dois indivíduos, o que permite uma análise bem mais ampla, a partir da possibilidade de unir os dois tipos de correspondências.

¹⁰ Cabe salientar que, estão presentes no acervo correspondências que Vicente Salles trocou com músicos, intelectuais e instituições culturais diversas, totalizando 10 pastas consultadas. Justificamos a predileção por trabalharmos com um jornalista e com um professor universitário, pelo fato de estes se encontrarem no contexto da finalização do livro de Salles, ou por estarem diretamente ligados as discussões sobre *O Negro no Pará*.

¹¹ Consideráveis informações sobre a trajetória docente e de pesquisador de Arthur Napoleão Figueiredo

correspondências existentes na coleção, temos notícias das trocas de cartas suas com Salles desde 1968 até 1988, um ano antes de seu falecimento.

As considerações que serão feitas a seguir, a partir da percepção da recepção de *O Negro no Pará sob o regime da escravidão* por intermédio das correspondências trocadas com Napoleão Figueiredo, tornam-se essenciais, uma vez que, trata-se de um diálogo com um dos pioneiros sobre os estudos antropológicos na região norte do Brasil. Procuraremos apresentar através destas correspondências o tipo de diálogo que estes intelectuais travavam, na época em que a obra de Salles já tinha sido finalizada, e perceber como foi sua aceitação no meio acadêmico após a publicação de *O Negro no Pará*.

No prefácio da primeira edição da obra *O Negro no Pará*, Arthur César Ferreira Reis apontou que, a bibliografia sobre a presença africana na Amazônia era inexpressiva, pois poucos trabalhos chegaram a ser apresentados como: *O Negro na empresa colonial dos portugueses na Amazônia*, de sua autoria (1961); *A introdução do negro na Amazônia* e *Negros Escravos na Amazônia* de Nunes Pereira, o primeiro tendo sido divulgado no Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, 1938, e o segundo nos Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro, 1952; *Alguns elementos novos para o estudo dos batuques de Belém*, de Anaíza Vergolino e Arthur Napoleão Figueiredo, pesquisa que foi propagada nas Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica, no Rio de Janeiro em 1967¹².

Em uma carta datada de 10 de junho de 1970, enviada a Vicente Salles, o antropólogo Napoleão Figueiredo comenta sobre o trabalho de Anaíza Vergolino acerca das notícias históricas dos negros no Pará, estando o mesmo finalizado, aguardando publicação¹³. Por mais que o autor dessa carta não apresente o título do trabalho de

poderão ser consultas em DIAS (2009), uma vez que o autor busca traçar um percurso acerca da história das pesquisas antropológicas na Amazônia.

¹² No prefácio da primeira edição de *O Negro no Pará: sob o regime da escravidão*, Arthur César Ferreira Reis falaria sobre a inexpressividade da bibliografia a respeito de estudos sobre o negro na Amazônia. Nesse sentido, poderíamos citar como exemplo, o livro *Santos e Visagens* de Eduardo Galvão, que praticamente desconsidera a influência negra na constituição da religiosidade do caboclo amazônico, considerando-a fruto da miscigenação de portugueses e indígenas. Cf.: GALVÃO, 1976.

¹³ Notícias sobre a trajetória docente e de pesquisas da antropóloga Anaíza Vergolino cf.: DIAS, 2009, p 743-745.

Vergolino, partimos da idéia de considerarmos que ele esteja se referindo ao estudo sobre os batuques de Belém, pois este trabalho - levando em consideração a interpretação das correspondências - foi realizado por partes, ou intensificado por partes¹⁴.

Partindo da observação sobre a produção do trabalho de Salles, acerca da presença negra na Amazônia, em geral, destacamos em correspondência direcionada ao professor Napoleão Figueiredo, o fato de Salles lamentar não ter conhecido antes o trabalho de Napoleão Figueiredo e Anaíza Vergolino. Nesse sentido, Salles destaca que: “Uma das coisas que lamento, quando aí estive foi constatar que durante muito tempo caminhamos por vias paralelas, dispersando esforços. Para mim teria sido extremamente útil ter conhecido a mais tempo o seu trabalho e o da dra. Anaíza”¹⁵.

E dá prosseguimento na mesma correspondência, falando sobre o *Negro no Pará*:

“Meu ensaio sobre o negro no Pará, há muito concluído (em termos de trabalho imediato, claro) e aguardando publicação, é resultado de pesquisa histórica em arquivos por onde me meti. E portanto, sem o saber, eu e Dra. Anaíza viajamos no mesmo barco. Verdade que não contei com a experiência e dedicação de um mestre na matéria. ... Se nos encontrarmos em alguns pontos, de qualquer forma espero que dois ensaios sobre o mesmo tema possam despertar a atenção de outros estudiosos brasileiros que vêm cultura negra apenas nas áreas tradicionais da lavoura extensiva e da mineração”¹⁶

O excerto acima evidencia certa preocupação de Salles em ter realizado o mesmo trabalho que a professora Anaíza Vergolino, porém, Salles esclarece que mesmo que esses trabalhos viessem a se encontrar em algum momento, dois trabalhos sobre um mesmo tema só viria a ser benéfico, uma vez que estes incentivariam outros estudiosos ou pesquisadores a focarem a cultura negra a partir de novas perspectivas.

¹⁴ Devemos atentar para o trabalho sobre os batuques de Belém que foi apresentado em 1967; o trabalho intitulado “Alguns elementos para o estudo do negro na Amazônia, de 1968. Nesse contexto, vale Cf.: DIAS, 2009, p. 755. Onde o autor aborda em nota sobre a pesquisa de Vergolino e Figueiredo acerca da presença africana na Amazônia, e sobre a publicação de *O Negro no Pará: sob o regime da escravidão*, logo após o levantamento das fontes realizado pelos pesquisadores.

¹⁵ Coleção Vicente Salles. Material Histórico Cultural – Vicente Salles – Correspondência Expedida - Folclore. Carta de Vicente Salles a Napoleão Figueiredo, Rio de Janeiro, 01/07/1970.

¹⁶ Coleção Vicente Salles. Material Histórico Cultural – Vicente Salles – Correspondência Expedida - Folclore. Carta de Vicente Salles a Napoleão Figueiredo. Rio de Janeiro, 01/07/1970.

Em contrapartida, Napoleão Figueiredo se posiciona a respeito da aproximação dos trabalhos apontando que tratavam-se de problemas diferentes. E destacou essas diferenças e aproximações, como poderemos perceber claramente a seguir:

“Pessoalmente acho que são problemas diferentes – a parte do negro na colônia, império e republica, envolvendo assim o aspecto sócio – político – cultural e a ascensão desse negro numa sociedade de classes e a outra, o quadro atual dos cultos com sobrevivências africanas¹⁷.

E complementa:

No primeiro, além do tratamento das fontes primárias e do levantamento bibliográfico imenso de cronistas, missionários, naturalistas viajantes, a ênfase a ser dado nêsse estudo seria voltado para o fenômeno do “plantation”... Ao lado disso a participação do braço escravo nos diversos ciclos econômicos na Amazônia e sua integração na sociedade atual – urbana, rurbana ou rural¹⁸.

Dessa forma, o antropólogo procura afastar qualquer tipo de tensão que poderia vir a existir por conta da aproximação dos temas do trabalho de Salles e Anaíza Vergolino, e, na verdade, procura destacar que grande parte do material que engloba este assunto foi levantado no trabalho de Anaíza, no de Nunes Dias e no trabalho de Vicente Salles. Acreditamos que, Figueiredo, assim como Salles, procurou demonstrar os benefícios de vários estudos sobre o mesmo tema, em um espaço como a Amazônia, onde Ferreira Reis - como já abordamos anteriormente - já falaria da escassez de estudos sobre a presença negra no espaço amazônico.

Ao analisarmos as correspondências entre Salles e Figueiredo, percebemos que, além da relação de amizade, que resultou em troca de cartas desde o final da década de 1960 até o final da década de 1980, é perceptível o comprometimento de ambos com o trabalho científico cultural na Amazônia, sobretudo que se debruçassem na presença negra na região. As cartas, de uma forma mais geral, nos permitiram observar um intenso diálogo, através de posicionamentos perante o trabalho de Vicente Salles, em *O*

¹⁷Coleção Vicente Salles. Material Histórico Cultural – Vicente Salles – Correspondência Recebida – Folclore. Carta de Arthur Napoleão Figueiredo a Vicente Salles. Belém, 12/08/1970.

¹⁸Coleção Vicente Salles. Material Histórico Cultural – Vicente Salles – Correspondência Recebida – Folclore. Carta de Arthur Napoleão Figueiredo a Vicente Salles. Belém, 12/08/1970.

Negro no Pará, de indicações de trabalhos, de favores pessoais, de indicações de leituras, mas principalmente o respeito profissional entre dois intelectuais que procuraram ultrapassar as barreiras da distância em benefício da cultura amazônica.¹⁹ Nesse sentido, conseguimos perceber como o *Negro no Pará* foi inicialmente recebido por intelectuais como o professor Napoleão Figueiredo, seu posicionamento perante a obra e o autor²⁰.

Seria de grande valia darmos seguimento ao diálogo desta parte do texto, analisando as correspondências que Salles tenha vindo a trocar com a Professora Anaíza Vergolino. As correspondências que tivemos acesso, infelizmente, não nos foram suficientes para trabalharmos acerca da recepção da obra de Salles a partir de cartas trocadas com a antropóloga, pois foram bem poucas. A interlocução sobre *O Negro no Pará*, e de modo geral, sobre os estudos da presença negra na Amazônia foram feitas de forma mais intensa com o Professor Napoleão Figueiredo.²¹

Algumas críticas mais acentuadas: as correspondências entre Lúcio Flávio Pinto e Vicente Salles

“... se situe no meu ponto de vista – que é o de profundo respeito ao crítico. Uma literatura sem críticas – e vou agora me derramar em conceitos? – não pode ter vitalidade, tampouco expressão. Toda obra é para ser discutida. Só podemos acrescentar alguma coisa no conhecimento a partir do questionamento do que foi estabelecido²².”

¹⁹ Cabe ressaltar que Vicente Salles deixou Belém ainda jovem com destino ao Rio de Janeiro em 1954, onde fixa residência até 1975, mudando – se posteriormente para Brasília, onde vive até o momento.

²⁰ Em carta de 13/07/1972 Napoleão Figueiredo escreve a Vicente Salles, noticiando que, está utilizando o seu livro “O Negro no Pará: sob o regime da escravidão” em suas aulas na Universidade Federal do Pará.

²¹ Ao todo, foram encontradas três correspondências expedidas e uma recebida, mas nada realmente direcionado a obra de Salles, no contexto de uma análise mais intensa sobre a circulação e recepção de *O Negro no Pará*. Porém, seria importante abordarmos sobre uma carta escrita por Vicente Salles a Anaíza Vergolino, onde Salles comunica o recebimento do trabalho da Antropóloga intitulado “Alguns Elementos Para o Estudo do Negro na Amazônia”, e fala sobre o encantamento por este texto, justificado pelo fato de ignorar o trabalho que o Prof. Napoleão Figueiredo e sua assistente, na época, Anaíza Vergolino, estariam realizando. Coleção Vicente Salles. Material Histórico Cultural – Vicente Salles – Correspondência Expedida – Negro. Carta de Vicente Salles a Anaíza Vergolino. Rio de Janeiro, 10/07/1968.

²² Coleção Vicente Salles. Material Histórico Cultural – Vicente Salles – Correspondência Expedida – Comunicação. Carta de Vicente Salles a Lúcio Flávio Pinto. Brasília, 19/12/1978.

O excerto destacado acima evidencia claramente o posicionamento crítico de Salles perante a produção escrita e da leitura em geral. Trata-se de parte de uma resposta às críticas feitas pelo jornalista paraense Lúcio Flávio Pinto a pesquisa de Salles, principalmente, quanto a sua metodologia. O que o jornalista procurou passar a Salles foram as angústias de um leitor perante o resultado de um estudo, e dessa forma, ele expõe suas razões a partir da leitura de *O Negro no Pará*, como poderemos perceber a seguir: “Como você mesmo diz, há ‘pouca abundância’ documental. Aceita essa premissa, acho que as mais estimulantes “pistas” estão no seu “O Negro no Pará” e foi justamente nele, como você deve ter notado que centrei o meu trabalho sobre a Cabanagem²³.”

Desta forma, a partir de uma leitura geral das cartas de Lúcio Flávio a Vicente Salles, percebemos que as críticas ao livro de Salles partiram do interesse de Lúcio Flávio pelo tema da Revolução Cabana. Nesse sentido, a partir de seu diálogo com Salles, podemos assinalar a produção de um trabalho sobre a Cabanagem que, Lúcio Flávio desenvolveu ou estava desenvolvendo no final da década de 1970.

E continua na mesma correspondência:

“Não considero, como você também não deve considerar, que seja a resposta definitiva. Mas mesmo sem abrir muito o referencial documental, você foi o que levou mais adiante a interpretação da Cabanagem, quem ordenou melhor a documentação, quem leu melhor os interpretadores... Situou o problema numa condição de classe. E desmistificou a liderança “cidadina” do movimento, abrindo os nossos olhos para os líderes populares... você levantou aspectos importantes, como a da transmissão oral e não escrita da ideologia. Essa é uma observação vital...²⁴

Percebemos, então, não só no fragmento acima destacado, mas como no início da carta, a valorização e o respeito pelo trabalho de Salles, pelos ensinamentos e informações históricas - destacando a parte direcionada ao movimento Cabano - resultado de um intenso e prolongado trabalho de pesquisa desenvolvido por Salles.

²³ Coleção Vicente Salles. Material Histórico Cultural – Vicente Salles – Correspondência Recebida – Comunicação. Carta de Lúcio Flávio Pinto a Vicente Salles. Belém, 11/12/1978.

²⁴ Coleção Vicente Salles. Material Histórico Cultural – Vicente Salles – Correspondência Recebida – Comunicação. Carta de Lúcio Flávio Pinto a Vicente Salles. Belém, 11/12/1978.

Lúcio Flávio, inclusive, faz uma observação a respeito da metodologia de Salles, destacando que o folclorista trabalha com aspectos importantes como a transmissão oral da ideologia. Porém, em carta anterior, Salles já se justificaria através de *O Negro no Pará* perante a crítica de Lúcio Flávio, onde o jornalista apontou que, suas análises resultariam mais em deduções teóricas. Na carta de 26 de novembro de 1978, a respeito disso, Salles apontou:

“Na cabanagem a idéia da abolição da propriedade privada esteve na cabeça de caboclos e de negros, como demonstro em *O Negro no Pará*, considerando mesmo – não intuitivamente, como v. observou – mas com os documentos que me foram dados examinar, que os ideais que impulsionavam os rebeldes tiveram expressão ideológica efetiva, concreta, principalmente nas lideranças populares, esmagadas, afinal, pelos chefes cabanos²⁵”

No contexto da mesma carta, Salles se defende falando que sempre trabalhou sobre os documentos e que se fossem tiradas as transcrições da obra em questão, ela se apresentaria com um valor escasso.²⁶ Na tentativa de alargarmos as discussões sobre este diálogo, percebemos que há um leitor ferozmente atento e crítico e um escritor procurando aprimorar cada vez mais o seu trabalho perante os seus leitores, mas um escritor que sempre procura lembrar-se das dificuldades de desenvolver suas pesquisas em seu tempo, e, sempre esclarecendo as fontes que foram possíveis de se chegar. No sentido de percebermos os debates entre escritor e leitor que presenciamos a partir da leitura das cartas, seria pertinente destacarmos que, a leitura é na realidade, uma ativa elaboração de significados dentro de um sistema de comunicação, como bem aponta o historiador Robert Darnton²⁷.

²⁵ Coleção Vicente Salles. Material Histórico Cultural – Vicente Salles – Correspondência Expedida – Comunicação. Carta de Vicente Salles a Lúcio Flávio Pinto. Brasília, 26/11/1978.

²⁶ Coleção Vicente Salles. Material Histórico Cultural – Vicente Salles – Correspondência Expedida – Comunicação. Carta de Vicente Salles a Lúcio Flávio Pinto. Brasília, 26/11/1978.

²⁷ Para uma melhor apreciação do diálogo entre escritor e leitor Cf.: DARNTON, 1986. Nesse texto, Darnton acaba por definir o significado da leitura, na busca por procurar entender como os franceses liam os livros no século XVIII, como pensavam estes leitores, como participavam da transmissão do pensamento pelos símbolos impressos, a partir de seu estudo com as correspondências que foram enviadas a Rousseau, para o estudo da recepção de *La nouvelle Héloïse*.

Vicente Salles procurou analisar, em *O Negro no Pará*, o engajamento do negro no movimento cabano, comprovando através de documentação a politização dos escravos em meio à luta cabana, como podemos observar no ofício que foi citado por Domingos Antônio Rayol, e utilizado por Salles.²⁸ Segundo Vicente Salles, as idéias que foram lançadas pelo frei Luís Zagalo, Felipe Patroni e Batista Campos tiveram uma abrangente reverberação entre os escravos, porém, ressaltou que, houve outros líderes populares que exerceram considerável influência entre eles, e que as idéias de emancipação não foram contempladas pelos “chefes supremos” da revolução, foram, na verdade, reprimidas (SALLES, 1988, pp. 266-267).

Lúcio Flávio Pinto está entre as personalidades que mantiveram contato considerável com Vicente Salles. As correspondências expedidas (na verdade, as cópias ou rascunhos delas são da década de 1970) assim como as recebidas - embora, o jornalista não datasse a maior parte delas (pelo menos as que constam no acervo) - período em que *O Negro no Pará* foi publicado pela primeira vez. No geral, as cartas que foram manuseadas, nos permitiram fazer algumas considerações. Na realidade, as críticas de Lúcio Flávio eram vistas por Salles como “provocações que animam a gente”²⁹, embora, alguns diálogos apareçam com certa tensão. Assim como outros amigos, Lúcio Flávio Pinto foi responsável por amenizar a falta de notícias a respeito do meio cultural de Belém, do Pará, e da região norte, uma vez que, aqui e ali surge um agradecimento pela atualização das notícias da “terrinha”³⁰.

Considerações Finais

Através das correspondências podemos vislumbrar várias possibilidades de abordagens de pesquisa, principalmente, por levarmos em consideração o ato tão

²⁸ Neste ofício de 08 de fevereiro de 1834, Afonso de Albuquerque e Melo fala sobre as ordens de junho de 1832, onde o presidente Machado de Oliveira solicitava a dispersão dos escravos que possuíssem idéias partidárias. (SALLES, 1988, p. 266)

²⁹ Coleção Vicente Salles. Material Histórico Cultural – Vicente Salles – Correspondência Expedida – Comunicação. Carta de Vicente Salles a Lúcio Flávio Pinto. Brasília, 09/11/ 1978.

³⁰ A partir das cartas podemos falar sobre os intelectuais e sua rede de sociabilidade (no caso, parte dela), sobre o entendimento da circulação das idéias, compreensão de determinada dinâmica e de seus posicionamentos.

particular da escrita. Em uma carta, podemos extravasar nossos sentimentos, sermos críticos com determinados assuntos, ou mesmo cautelosos. Podemos ainda, versar sobre vários assuntos ao mesmo tempo.

No intento de buscarmos compreender a trajetória intelectual de Vicente Salles, procuramos nos concentrar, nesse texto, em um conjunto de correspondências que constituem parte da coleção Vicente Salles, para podermos entender como um - dentre seus inúmeros livros - foi acolhido, por exemplo, no meio acadêmico paraense, a partir dos escritos de intelectuais como Napoleão Figueiredo e Lúcio Flávio Pinto, e do próprio Vicente Salles que, muito se preocupou e ainda se preocupa em responder aos questionamentos de seus leitores.

O fato de Salles duplicar suas cartas expedidas - hábito de muitos intelectuais - foi essencial para podermos confrontá-las com as cartas recebidas, e assim darmos mais consistência a discussão sobre a recepção de sua obra. No mais, salientamos a possibilidade de alargarmos este estudo sobre cartas, seja através de outros interlocutores ou de outros temas que, possam nos levar a explorar ainda mais estas correspondências.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & FIGUEIREDO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

_____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOURDIEU, Pierre & CHARTIER, Roger. **A leitura uma prática cultural**. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger (Org.). *História da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DIAS, Antonio Maurício. **Pesquisas Antropológicas Urbanas no “paraíso dos naturalistas”**. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2009, v.52, nº2.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. 2ª Ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976 [1955].

GALVÃO, Walnice Nogueira & GOTLIB, Nádia Battella (Orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo**. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. **Nas Malhas do Feitiço: O Historiador e os Encantos dos Arquivos Privados**. In: *Revista Estudos Históricos*. Vol. 11, nº 21, 1998.

MAFRA, Alessandra. *Entre o Político e o Cultural: história e narrativa na obra de Vicente Salles*. VII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH (NÚCLEO PARÁ), 2010. Belém/PA. *Anais...* Belém/PA: Associação Nacional de História (Núcleo Pará), 2011. (*Mimeo*).

MALATIAN, Teresa. **Cartas: Narrador, registro e arquivo**. IN: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

OLIVETO, Karla Aléssio. *Vicente Salles: trajetória pessoal e procedimentos de pesquisa em música*. (Dissertação de Mestrado em Música). Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

RODEGHERO, Carla Simone. **Contribuições para o estudo do anticomunismo sob o prisma da recepção**. In: PESAVENTO, Sandra Jatay (Org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SALLES, Vicente. *O Negro no Pará: sob o regime da escravidão*. 2ª Ed. Brasília/Belém: Ministério da Cultura/Secretaria de Estado da Cultura/Fundação Cultural do Pará “Tancredo Neves”, 1988.

SALLES, Vicente. *Um retrospecto – memória*. 2ª edição revista e ampliada. Brasília: Micro-Edição do Autor, 2007.

SILVA, Helenice Rodrigues da Silva. *Fragments da História Intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas/SP: PAPIRUS, 2002.